

LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO

Estudantes
vão a Brasília
contra a corrupção

*
Eleições gerais
continuam neste
semestre

PERDAS SALARIAIS

Professor, você tem mais a receber

No último dia 25/7, os docentes da PUC receberam a primeira parcela da reposição das perdas salariais decorrentes dos atrasos que se iniciaram em maio de 2003.

Muitos estanharam, porém, o baixo valor creditado em suas contas. Na realidade a Reitoria depositou somente 0,89% de um salário, ao invés dos 1,45% decididos em reunião entre a APROPUC e a direção da universidade. Em nova reunião entre as partes, realizada na quinta-feira, 4/8, o professor Flavio Saraiva Mesquita esclareceu que, pelo entendimento da Reitoria, os valores pagos estavam corretos, pois deveriam ser descontados os 7% pagos anteriormente pelo professor Antonio Carlos Ronca.

Já para a APROPUC estava claro que os 12,1%, valor total acordado como reposição das perdas, nada tinham a ver com os 7% já pagos anteriormente. Assim, as cinco primeiras parcelas deste montante, a serem pagas entre julho e novembro deste ano, deveriam alcançar o valor de 1,45%.

Ao final da reunião o vice-reitor entendeu como justa a reivindica-

ção dos professores e informou que na próxima parcela, a ser paga dia 25 deste mês, será creditada a diferença de valores.

Assembléia

Na segunda-feira, 15/8, os professores reúnem-se em assembléia para discutir a proposta da Reitoria para o reajuste salarial de 2005. O professor Flávio enviou à APROPUC texto em que afirma

que a Reitoria compromete-se a aplicar o índice de 7,66% aos salários docentes, mas somente a partir de janeiro de 2006 (o acordo Sinpro/Semesp prevê o pagamento do índice a partir de junho, com valores retroativos a maio/2005). Na proposta, a Reitoria também compromete-se a pagar as diferenças em três parcelas iguais, e corrigidas pelo ICV-Dieese, nos meses de abril, junho e agosto de 2006.

A S S E M B L É I A

DOS PROFESSORES

15/8

Segunda-feira

Sala 239 - 19h

Reajuste Salarial de 2005

Vencer a crise e construir o novo

A sociedade brasileira enfrenta um momento de grave crise. A face política da crise é exaustivamente explorada pela mídia e atinge de forma profunda o PT, o governo Lula, o Congresso Nacional e o sistema partidário, eleitoral e de representação; mas a crise tem também uma face menos debatida publicamente e que decorre do esgotamento do modelo neoliberal – cuja versão global nada mais é do que o próprio capitalismo contemporâneo.

A descoberta de esquema de corrupção com a participação da cúpula dirigente do PT, membros do governo, parlamentares e lideranças regionais – a maioria do grupo Campo Majoritário –, com o envolvimento de agências de publicidade, bancos, empresas privadas e estatais, reproduz a mesma cultura e os desvios éticos dos partidos e governos tradicionais e conservadores da burguesia – que foram condenados inúmeras vezes pela sociedade.

Diante desse quadro, não há outro caminho que não seja o de exigir completa apuração de todos os fatos e a devida punição de todos os envolvidos – tanto nos aspectos políticos quanto criminais, sem exceção para quem quer que seja. Evidentemente o processo de responsabilização deverá demorar vários meses e o País pagará o preço do desmantelamento do governo Lula e das instituições envolvidas.

Cabe ao povo, aos movimentos sociais, às entidades dos trabalhadores, aos estudantes e aos profissionais das categorias organizadas, defender o saneamento do governo e da promiscuidade criada entre os interesses privados, a máquina pública, o tráfico de influência nas licitações e nos negócios do Estado, a captação de recursos públicos para partidos políticos e para a chamada “base aliada” no Congresso Nacional.

É inaceitável para a sociedade brasileira seguir adiante sem resolver, de forma convincente, as questões que provocaram a explosão da face política da crise atual. É lamentável que o PT tenha embarcado em tamanha encenação, com reflexos negativos no campo das esquerdas. Esse é um desafio que a base do PT deve enfrentar com coragem, seja para mudar a direção e o rumo do partido, seja para decretar a sua liquidação.

Da mesma forma, é lamentável que o presidente Lula, com toda a sua história e trajetória política, tenha permitido que o seu partido e o seu governo tenham atuado com tamanha irresponsabilidade, sem o menor compromisso com os valores e com as propostas que os conduziram ao governo. Parece evidente, agora, que o governo se encontra em frangalhos, sem força de iniciativa, imerso na crise e numa agonia precipitada de um ano e meio – se não for levado a uma interrupção constitucional do mandato.

Por isso mesmo, cabe também ao povo, aos trabalhadores e especialmente aos militantes petistas, aos ex-petistas e aos militantes das esquerdas, constituírem frentes de luta que defendam conquistas democráticas e mudanças institucionais, que atuem desde já contra qualquer retrocesso político; igualmente, cabe aos militantes das esquerdas conchamar e unir as forças progressistas e democráticas da sociedade para a defesa de um programa de salvação nacional nitidamente anti-neoliberal e anti-capitalista.

É hora de mobilizar. O futuro da Nação está nas nossas mãos.

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

APROPUC apresenta primeiro balancete do ano

Abaixo, reproduzimos os números referentes ao balanço patrimonial da APROPUC durante o primeiro trimestre de 2005.

ATIVO

<i>Circulante</i>	
<i>Disponível</i>	
Caixa e Bancos	25.745,54
Valores Mobiliários	1.032.022,51
Total Disponibilidades	1.057.768,05
<i>Realizável a Curto Prazo</i>	
Outros Créditos	4.698,21
I. Renda Fonte	64.055,56
Total Realizável a Curto Prazo	68.753,77
Total do Circulante	1.126.521,82
<i>Permanente</i>	
Edifícios	399.665,49
Móveis e Utensílios	4.667,36
Equipamentos de Comunicação	291,24
Equipamentos Eletrônicos	4.802,41
Diversos	3.617,63
Total do Permanente	413.044,13
Total do Ativo	1.539.565,95

PASSIVO

<i>Circulante</i>	
Encargos Trabalhistas	4.160,17
Outros	2.551,37
Total do Passivo Circulante	6.711,54
<i>Patrimônio Social</i>	1.461.740,53
<i>Superávit do Exercício</i>	71.113,88
Total do Passivo	1.539.565,95

Demonstração dos Resultados em 31 de março de 2005

Receitas	
Contribuição de Associados	144.470,24
Receitas Financeiras	32.944,65
Total de Receitas	177.414,89
Despesas	
Tributárias	0,00
Administrativas	105.121,94
Financeiras	1.179,07
Total das Despesas	106.301,01
Superávit do Período	71.113,88

A Diretoria

PUCviva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Divera. **Reportagem:** Ébano Piacentini. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Luiz Carlos de Campos, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** apropuc@uol.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCviva na Internet:** www.apropucsp.org.br.

CAs preparam ida a Brasília contra governo e corrupção

Os centros acadêmicos de Ciências Sociais e Letras estão organizando a ida de estudantes da PUC para engrossar uma manifestação agendada para 17/8, em Brasília. Condenando a corrupção, os projetos de reformas e a política econômica do governo federal, a marcha é organizada por entidades como a Conlutas, que agrega sindicatos de trabalhadores, e a Conlute, formada por estudantes.

Segundo o estudante Marcelo Tomassini, do CACS, mais CA's devem juntar-se à preparação da marcha ao longo desta semana. Um

debate sobre a crise do governo Lula está marcado para esta quarta-feira, 10/8, às 19h, na sala 333. Na quinta, o Conselho de Centros Acadêmicos (CCA) reúne-se para tratar da ida a Brasília.

A corrupção não é fruto de maus políticos, "mas consequência da democracia capitalista", afirma o CACS em boletim divulgado na semana passada. "Por isso, é fundamental a entrada em cena da luta dos trabalhadores e da juventude, para que se possa construir uma real alternativa de organização social, que destrua a exploração de uma minoria sobre a maioria".

Um dia antes, outra marcha

CUT, MST, Pastoral da Terra e UNE estão entre as entidades que marcaram outro protesto em Brasília para 16/8. Essas entidades, que mantêm postura de negociação com o Planalto, divulgaram recentemente uma *Carta ao Povo Brasileiro*, colocando-se ao lado do governo Lula frente à crise corrente. Sua manifestação também condena a corrupção, mas reivindica uma reforma política, e não se posiciona sobre a situação econômica atual.

Alunos de Letras questionam reforma curricular

Com a aprovação de novas diretrizes para a formação de professores na universidade, em novembro de 2004, todos os cursos de Licenciatura da PUC devem sofrer mudanças para o próximo ano. No curso de Letras, o processo vem criando polêmica: já existe até mesmo um abaixo-assinado, organizado pelos estudantes, pedindo que a tramitação da reforma curricular seja suspensa. Os alunos também reivindicam um plebiscito sobre o projeto.

Os protestos surgiram em junho, quando a reforma ganhou contornos mais nítidos. Segundo a estudante Helena Martins, do CA Clarice Lispector, a inclusão de aulas à distância na grade é um dos aspectos mais criticados pelos alunos. O temor sobre eventuais demissões de professores e queda na qualidade do conteúdo também fazem com que o projeto seja visto

com desconfiança. "Pelos corredores, os professores nos dizem que também são contra a reforma", conta Helena.

A estudante argumenta ainda que a direção da Comfil vem sistematicamente evitando o debate com os estudantes, alegando falta de tempo. Nos encontros que se concretizam, ainda segundo Helena, não há espaço para discutir a reforma, e sim uma mera apresentação, pela Direção da Faculdade, de um projeto já finalizado.

O que diz a Direção

"O CA de Letras não está representando a totalidade dos alunos, mas mesmo assim pleiteia uma condição de prioridade", contesta a diretora da Comfil, Alexandra Geraldini. Segundo ela, a implantação de um ensino à distância que dispense a função do professor, promovendo apenas o envio de questionários atra-

vés da Internet, não é a intenção do projeto. "A demissão é um fantasma, um mito, uma compreensão equivocada", critica a professora, revelando que a meta é transformar 16% da carga horária do curso em atividades não-presenciais.

Alexandra relata também que a Comfil vem pesquisando a Educação à distância desde 1994, e conta com um programa de formação de professores para essa modalidade de ensino. Oficinas para docentes e uma palestra que aborde a visão puquina sobre essa área estão entre os planos para o segundo semestre.

O projeto de Reforma Curricular de Letras foi elaborado por uma comissão de 14 professores do curso. Segundo Alexandra, o texto inicial foi encaminhado a estudantes e docentes para consulta, e a intenção é incorporar as ressalvas que surgirem.

Sobre a manifestação dos estudantes em 2/8

Em razão do texto de um professor desta universidade, que circulou no dia 03 de agosto no site oficial da PUC-SP, sentimo-nos motivados a responder cuidadosamente a algumas afirmações e interpretações.

No final da tarde do dia 02 de agosto, reuniram-se professores, membros da Reitoria e várias celebridades nacionais, com intuito de inaugurar a nova “Ouvidoria” da PUC-SP. Ficamos pasmados, depois nos indignamos e por final nos revoltamos porque, durante todo o semestre, nós alunos não fomos ouvidos – e agora vêm falar em “Ouvidoria”?

Primeiramente, queremos afirmar que não somos revolucionários, e sim alunos da PUC-SP, dos mais variados cursos, independentemente de qualquer tipo de facção política, religiosa ou ideológica, e nem pertencemos a nenhum grupo paramilitar extremista. A grande maioria do grupo que protestava era composta por alunos carentes e oriundos de cursinhos populares e movimentos sociais. Não reivindicamos redução de mensalidades, que em nada resolveria o acesso e a permanência de alunos carentes na PUC-SP. Tal reivindicação é característica da classe média falida e oportunista. À qual o Sr. Prof. pertence?

Frente à contradição visível entre alunos pobres e ricos da universidade, reivindicávamos, e ainda reivindicamos, o acesso dos estudantes carentes aos restaurantes e ao xerox, necessário à formação, e a retroatividade das bolsas conquistadas pelos alunos carentes, entre outras reivindicações vitais para a nossa permanência na universidade.

O senhor professor! Doutor! Afirma que somos desrespeitosos e contra a DEMOCRACIA. Mas as cartas constitucionais nasceram tendo por pressuposto fundamental o direito do povo a se rebelar contra governos opressores que ignoram a democracia e o povo. Quando a PUC-SP priva seus alunos de baixa renda do acesso ao bandejão, cobrando um valor absurdo de R\$ 5,90, e quando reconhece que estes alunos são realmente carentes, concede – não sem lutas – bolsas para os mesmos. Mas depois, de forma intolerante e coercitiva, obriga-os a fazer uma “negociação acordo”, ao invés da retroação da dívida. A PUC-SP fere pelo menos dois valores supremos da democracia: a igualdade e a justiça.

O Sr. afirma que nós retiramos de “forma totalitária o direito dos outros discordarem” e também diz ter lutado em 68 contra um regime ditatorial, que impedia as pessoas de organizarem-se, manifestarem-se e questionarem a viabilidade de qualquer mudança senão aquelas impostas pelo próprio regime. Quando na sua nota paralela o Sr. impõe os pontos a,b,c da mesma como indiscutíveis e imutáveis, vetando dessa forma a possibilidade de discordarmos ou sequer discutirmos tais pontos, o Sr. não está assumindo a mesma postura do regime que diz ter combatido? Sendo mais hipócrita que os fari-seus, ou talvez até pior: agindo como Judas fez com JESUS, nosso bom Senhor.

A tal “Ouvidoria” diz que terá como norteadora de suas ações a transparência. Já era hora de algum organismo da PUC-SP adotar tal atitude. Porque até então o

método adotado é o da improbidade, fato que se pode comprovar com a atitude em relação aos bolsistas do ProUni que receberam a bolsa a partir do mês de abril. A PUC-SP diz que a bolsa não é retroativa, e exige que os bolsistas paguem os meses anteriores. Entretanto, recebemos informações da assessoria do MEC, de que as universidades conveniadas ao ProUni não podem cobrar absolutamente nada dos bolsistas, e ainda são obrigadas a ressarcir-las de toda quantia por eles paga.

Reiteramos que são nossas reivindicações prioritárias, neste momento, a retroatividade da dívida anterior à concessão das bolsas e bolsa-alimentação para todos os bolsistas que necessitam.

Sendo assim, percebemos que a carta do professor, com seus delírios intelectuais, cometendo anacronismos exorbitantes como comparar jovens da periferia de São Paulo a grupos fascistas da metade do século XX, não passou de um ato precipitado e sem senso de realidade. Embora a não-premeditação do nosso protesto e da organização espontânea, conseguimos mostrar a todos os descontentamentos existentes em nossa universidade. Algo que talvez a recém-nascida “Ouvidoria” não consegue sequer “ver”.

Hozanar Gomes (Economia), Ivair Pereira (História) e Felipe (Letras) – alunos que participaram do protesto de 2/8/05

Eleições acadêmicas estendem-se até setembro

As eleições acadêmicas da PUC tiveram desdobramentos inusitados: o primeiro semestre chegou ao fim, passaram-se as férias e a última das votações – para a direção da Faculdade de Ciências Sociais – aconteceu apenas em setembro.

Para a próxima semana (15 a 19/8), está marcada a eleição para a nova presidência da pós-graduação. São duas chapas na disputa: Anna Cintra e Vera Placco, atuais presidente e vice, concorrem com Salvador Sandoval e Nelson Pinto. Antes, Sandoval figurava como vice de Willis Santiago Guerra, que teve sua candidatura impugnada por não pertencer ao quadro de carreira – o que ocasionou o adiamento do pleito.

O *PUCviva* entrevistou ambas as chapas na semana passada. As respostas de cada uma podem ser vistas no quadro ao lado.

Ciências Sociais

A eleição para a direção da Faculdade de Ciências Sociais foi anulada pelo Conselho Universitário, depois de ser discutida em várias instâncias. Novas inscrições estão abertas até esta sexta-feira, 12/8. As votações acontecem entre 12 e 16/9.

O Consun entendeu que o pleito não teve a legitimidade necessária, já que a chapa de Rogério Arantes e Mônica de Carvalho venceria com margem de apenas 0,4 voto na ponderação.

Depois disso, a dupla desistiu de concorrer. “Fomos cassados”, afirmam os professores, em carta divulgada via Internet. “Usurparam a liberdade dos eleitores”. O documento também considera que “havia predisposição política para anular as eleições”, acrescentando que “se a primeira terminou como tragédia, da segunda não participaremos. Será uma farsa”.

“A decisão parece-me um tanto surpreendente”, comenta o profes-

sor Douglas Santos, vice da chapa que concorreu com Rogério e Mônica. Ele avalia que a desistência entra em contradição com o discurso da chapa, de que “a democracia só estava se realizando pela presença deles”.

Com novas inscrições abertas, nada impede que outras chapas entrem na

disputa, ou mesmo que os próprios Rogério e Mônica voltem atrás na decisão. Para o professor Douglas, qualquer que seja o quadro, “o primeiro movimento de quem assumir deve ser o de superar as mazelas” que a confusão do primeiro pleito deixou.

Quatro perguntas aos candidatos da pós

O PUCviva consultou as duas chapas que concorrem à presidência da pós-graduação sobre as propostas centrais de cada chapa, as ações necessárias no setor para remediar a crise da PUC e opiniões sobre a democracia puquiana e a Reforma Universitária. Abaixo, as respostas dos candidatos:

ANNA CINTRA E VERA PLACCO

A proposta central desta candidatura é a manutenção da qualidade de nossos programas de pós-graduação. “Temos um grande número com notas 4 e 5, um com nota 6 [a nota máxima é 7], e queremos alavancar os que têm nota 3, para viabilizar o doutorado onde há apenas o mestrado”, contam as professoras.

Contra a crise, uma contribuição da pós seria o cuidado permanente com as despesas, seguindo-se um plano de contenção. Por outro lado, haveria a busca de recursos para bolsas junto a agências de fomento, e mesmo um projeto de crédito estudantil através de bancos.

As candidatas vêm com preocupação a intenção do governo de implementar, por ora, apenas o que seria “consenso” na Reforma Universitária. Além disso, relatam ter participado dos debates sobre o assunto dentro do fórum nacional de pró-reitores e na própria universidade.

“Na pós-graduação, as relações entre os três setores são muito boas”, consideram as professoras, acrescentando que as relações nos órgãos colegiados têm sido tranqüilas. “Se entendermos isso como um sinal, eu diria estamos num bom momento de nossa democracia”, avalia a professora Anna. Cintra, concluindo que “os três setores estão mostrando grande amadurecimento para enfrentar a crise”.

SALVADOR SANDOVAL E NELSON PINTO

O professor Sandoval destaca a captação de recursos externos não-públicos, inclusive no exterior, como crucial. Tais recursos alimentariam um fundo de apoio à pós, para infra-estrutura, equipamentos e bolsas.

Como saída para a crise, a pós pode estar à frente da expansão da universidade, comenta o candidato. Uma inovação seria o aproveitamento de pós-graduandos na criação de novos cursos e eventuais substituições de professores. “É uma forma de expansão barata e com qualidade”.

“Em certos aspectos, a PUC já preenche vários itens da Reforma Universitária”, mas, na visão de Sandoval, o projeto possibilita rever nosso caráter filantrópico. “Talvez possa haver uma expansão com cursos em áreas populares da cidade, como a USP fez na Zona Leste”.

“Este tem sido o pior exercício democrático da PUC até agora”, assinala Sandoval. Para ele, a anulação das eleições nas Ciências Sociais foi consequência “das posturas irresponsáveis da comissão eleitoral”, o que mostraria que quem a nomeou não tinha critérios. “Isso coloca em perigo o direito de escolhermos nossos dirigentes, num momento em que a Igreja tem penetração mais forte nas finanças da universidade. Temos de discutir como proteger esse patrimônio, já que as próprias autoridades da universidade o subvertem”, finaliza.

Rola na rampa

Reunião entre Reitoria e funcionários ainda não tem data

Até o fechamento desta edição, a reunião para discutir a pauta dos funcionários com a Reitoria ainda não estava agendada. Além do cumprimento da sentença judicial sobre o reajuste salarial, os funcionários têm uma série de reivindicações, que incluem o

cumprimento de cláusulas do acordo interno, pagamento de vale-transporte aos que ingressam na universidade e anotações corretas na carteira profissional. A data de uma nova assembléia da categoria deve ser anunciada após a realização do reunião.

Ouvidoria inaugurada sob protestos

Na segunda-feira, 1/8, foi oficialmente inaugurado o setor de Ouvidoria da universidade, que fica no térreo do Prédio Novo. Ao fim da solenidade, um grupo de alunos protestou – segundo o estudante de Economia Hozanar Gomes, o objetivo era chamar a atenção para o fato de que, apesar do festejo, alguns alunos da PUC continuam com dificuldades para se manter estudando, já que necessitam de anistia de matrícula e auxílio para alimentação, transporte e xerox. O estudante ainda chama atenção para o fato de a PUC estar cobrando as primeiras mensalidades de alguns alunos selecionados

pela universidade para o ProUni, o que seria errado, já que o MEC determina que as bolsas são retroativas a janeiro. Procurada pelo PUCviva, a supervisora do Expediente Comunitário, Célia Forghieri, recomendou que os estudantes requisitem um novo extrato no Setal, pois o governo está aprovando mais casos da PUC, e algumas dívidas já podem estar zeradas. Ela lembrou ainda que o setor está aberto para negociação nos casos mais graves. Já o professor Fernando Altemeyer, ouvidor da PUC, procurou o PUCviva para dizer que buscou o diálogo com os estudantes, mas não foi ouvido.

Palestra no Pátio do Benê

Na terça-feira, 3/8, estudantes de Letras lotaram o Pátio do Benevides para acompanhar uma palestra sobre a função da Literatura. Fernando Segolim, professor da PUC e especialista em Fernando Pessoa, e Edilene Matos,

também professora da universidade e pesquisadora de literatura popular, deram trabalho aos alunos, que anotavam atentos as considerações dos palestrantes. A organização foi do CA Clarice Lispector.



Leão XIII faz reforma social

O CA Leão XIII está passando por uma reforma em seu espaço físico. O aluno Rogério Perito conta que a atual gestão assumiu um CA "destruído e com uma dívida de 16 mil reais". Agora, o logotipo do CA, escolhido pelos estudantes, foi pin-

tado por meninos do projeto *Tudo Haver*, da ONG Caico (Centro de Apoio às Iniciativas Comunitárias). Segundo Pâmela Martins, de 15 anos, o projeto mudou sua vida: "antes, além de estudar, eu não fazia nada. Agora eu faço arte".

PUCviva 12 anos

Na semana passada o jornal **PUCviva** completou seu décimo segundo ano de existência. Lançado no dia 2/8/1993, num momento em que a universidade saía de uma crise sem precedentes em sua história, o jornal das associações de professores e funcionários vem cumprindo nestes anos um papel fundamental na divulgação dos fatos da PUC-SP e de discussão de suas principais questões. Esperamos, nas nossas próximas edições, continuar com um jornalismo crítico, sempre no caminho de uma universidade democrática, grande e de qualidade, pois estas foram as palavras de ordem que nortearam o movimento PUC Viva, que repeliu a autoritária intervenção da Fundação São Paulo na década passada.

Aula inaugural no Serviço Social

Na próxima quinta-feira, 11/8, a Faculdade de Serviço Social realiza sua aula inaugural do segundo semestre letivo. Nela, o professor José Paulo Netto vai debater com os alunos *Os desafios do Serviço Social na Atual Conjuntura Brasileira*, no auditório 333, às 19h30.

Erramos

O título correto do livro escrito pela funcionária Elly Capalbo, da Psicologia, é *Estrelas no Asfalto*. A autora aproveita para agradecer aos diversos amigos e colegas de trabalho que adquiriram a obra, cuja renda possibilitou a construção de uma casa na Cidade do Bem, mantida por uma ONG. O imóvel abriga hoje uma família de seis pessoas.